

Convergências e divergências na classificação aspectual semântica dos verbos

Convergences and divergences in the semantic aspectual classification of verbs

Jean Carlos da Silva GOMES 

Universidade Estadual de Campinas
Campinas, SP, Brasil
jeancar@unicamp.br

Resumo: Os verbos, para além das distinções temporais elementares, podem ser classificados por outras propriedades vinculadas à temporalidade da situação. Mais especificamente, neste trabalho, discute-se sobre sua categorização a partir de critérios aspectuais semânticos, aqueles relacionados à forma como as línguas representam noções temporais vinculadas à estrutura dos eventos. As classificações elaboradas por estudiosos da área, por sua vez, não são uniformes. Sendo assim, neste estudo, comparam-se quatro classificações consolidadas na literatura sobre o assunto, a saber: Vendler (1967), Smith (1991), Verkuyl (1993, 1999, 2005) e Rothstein (2004). A análise comparativa revela convergências fundamentais, a saber: os verbos podem ser classificados por meio de propriedades aspectuais semânticas; verbos estativos diferem-se consideravelmente de verbos não-estativos; e verbos não-estativos apresentam uma subdivisão interna em, pelo menos, dois tipos. Dentre as divergências identificadas, destaca-se a pluralidade de tipos de verbo propostos, a natureza dos traços que os diferenciam e o status de autonomia dos semelfactivos como um tipo de verbo.

Palavras-chave: verbos; tipos de verbo; aspecto; traços aspectuais; classes acionais.

Abstract: Verbs, beyond elementary temporal distinctions, can be classified by other properties linked to the temporality of the situation. More specifically, this paper discusses their categorization based on semantic aspectual criteria, which are those related to how languages represent temporal notions associated to the structure of events. The classifications developed by authors in the field, in turn, are not uniform. Therefore, this study compares four classifications consolidated in the literature: Vendler (1967), Smith (1991), Verkuyl (1993, 1999, 2005), and Rothstein (2004). The comparative analysis reveals fundamental convergences, namely: verbs can be classified by semantic aspectual properties; stative verbs differ considerably

from non-stative verbs; and non-stative verbs are internally subdivided into at least two types. Among the divergences identified, the plurality of proposed verb types, the nature of the features that differentiate them and the autonomous status of semelfactives as a type of verb stand out.

Keywords: verbs; verb types; aspect; aspectual features; actional classes.

1 INTRODUÇÃO

Ao relatar linguisticamente uma situação, o falante realiza uma escolha de elementos linguísticos que possibilitam transmitir, com o máximo de precisão, as informações necessárias para uma interpretação específica da sentença. Para alcançar esse fim, são incorporadas ao enunciado informações de ordem temporal, aspectual, modal, entre outras (Miguel, 1999; Gomes, 2022a), que contribuem para a compreensão da situação.

Entre as categorias linguísticas associadas à expressão da temporalidade dos eventos, verifica-se a de aspecto, entendida como as diferentes formas de visualização da constituição temporal interna de uma situação (Comrie, 1976). Segundo Smith (1991), o aspecto é essencial para a compreensão da temporalidade, uma vez que está relacionado à maneira como as situações se desenrolam ao longo do tempo.

Entre os múltiplos elementos da sentença que contribuem para a expressão de informações aspectuais, encontra-se o verbo e os itens que com ele interagem. O aspecto semântico é comumente expresso pela raiz verbal e os elementos presentes no sintagma verbal, tais como argumentos e adjuntos. Nessa direção, algumas classificações para os verbos com base em critérios aspectuais semânticos foram postuladas.

As reflexões iniciais sobre tais categorizações encontram suas origens na filosofia. Conforme aponta Filip (2011), já nos textos de Aristóteles é possível identificar discussões a respeito dos diferentes tipos de situação, especialmente por meio da distinção entre os conceitos de *Kinesis* e *Energeia*, associados, respectivamente, às ideias de mudança e atualidade. Essas noções, posteriormente, foram retomadas por estudiosos da linguagem como base para a classificação dos verbos segundo seu aspecto

semântico, como se observa nos trabalhos de Taylor (1977), Mourelatos (1978), Dowty (1979) e Bach (1986).

O avanço teórico advindo do surgimento da Linguística permitiu um refinamento teórico na classificação dos verbos. Algumas propostas parecem ser mais frequentemente adotadas nos estudos sintático-semânticos do que outras. No entanto, a motivação para a seleção de uma proposta em detrimento de outra nessas investigações parece relacionar-se com a adequação da classificação adotada aos objetivos da investigação em específico, de forma que pouco se discute sobre as convergências e divergências observadas entre as abordagens.

Sendo assim, objetiva-se com este trabalho comparar algumas das principais propostas de classificação dos verbos com base em informações aspectuais semânticas com o fim de identificar os pontos de convergência e divergência entre elas. Para tanto, analisam-se as categorizações descritas em Vendler (1967), Smith (1991), Verkuyl (1993, 1999, 2005) e Rothstein (2004), amplamente referenciadas na literatura.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na segunda seção, apresenta-se o conceito de aspecto semântico; na terceira, descreve-se a proposta de Vendler (1967); na quarta, a de Smith (1991); na quinta, a de Verkuyl (1993, 1999, 2005); na sexta, a de Rothstein (2004); na sétima, comparam-se essas abordagens; e, por fim, na última seção, apresentam-se as considerações finais deste estudo.

2 ASPECTO SEMÂNTICO

O aspecto semântico¹ refere-se à forma como as línguas representam noções temporais relacionadas à estrutura dos eventos do mundo no léxico ou em sintagmas, sem, necessariamente, haver morfologia e sintaxe específicas (Bertucci, 2016). Segundo Comrie (1976), esse tipo de aspecto manifesta-se por meio dos elementos lexicais que integram a sentença, como a raiz verbal, seus argumentos e/ou adjuntos.

¹ Também conhecido como aspecto inerente (Comrie, 1976), classes aspectuais (Johnson, 1977; Dowty, 1979), tipos de situação (Smith, 1991), aspecto lexical (Miguel, 1999; Van Hout, 2003), *aktionsart(en)* (Battaglia, 1999), modos de ação (Sanz; Laka, 2002), classes acionais (Basso, 2007) e aspecto interno (Travis, 2010).

Comrie (1976) propõe três oposições fundamentais no domínio do aspecto semântico: estatividade *versus* dinamicidade, pontualidade *versus* duratividade e telicidade *versus* atelicidade. Com relação à primeira dicotomia, o autor distingue situações estáticas, aquelas que não requerem um gasto de energia para sua realização, como em “João gosta de maçã”, de situações dinâmicas, que requerem tal gasto, como em “João come maçã”. Nesses exemplos, pode-se verificar que a oposição entre estatividade e dinamicidade é determinada por meio da raiz verbal.

A segunda oposição refere-se à distinção entre eventos pontuais e durativos. Eventos pontuais são aqueles que não apresentam uma extensão interna no tempo ou são interpretados como ocorrências instantâneas, como em “João achou o livro”, enquanto os durativos estendem-se por um certo intervalo temporal, como em “João procurou o livro”.²

A oposição pontual-durativo é normalmente codificada pela raiz verbal. Porém, conforme afirma Miguel (1999), tal oposição pode ser influenciada por elementos argumentais. Em frases como “O menino entrou na sala” e “O batalhão entrou na sala”, verifica-se que, na primeira, sobressai uma leitura pontual, ao passo que, na segunda, prevalece uma interpretação durativa, decorrente da natureza dos itens que compõem o sintagma nominal na posição de argumento externo.

A terceira oposição proposta por Comrie (1976) diz respeito à telicidade. Eventos télicos são aqueles que apresentam um ponto final inerente delimitado linguisticamente na sentença, como em “João comeu o bolo”, em que se verifica que há um ponto final bem definido que impede a continuidade do evento para além desse limite; enquanto eventos atélicos

² É comum observar na literatura a associação entre os pares pontual/perfectivo e durativo/imperfectivo (Comrie, 1976). No entanto, tal correspondência é inadequada, uma vez que aspecto semântico e aspecto gramatical não são equivalentes. A noção de imperfectividade diz respeito à forma como uma situação é concebida em termos de sua constituição interna, abrangendo informações como extensão temporal e sucessão de fases. Já a duratividade refere-se unicamente à propriedade de a situação estender-se por um intervalo de tempo determinado, ou, ao menos, ser interpretada como tal. Eventos pontuais podem ser realizados tanto no perfectivo, como em “João achou livros”, quanto no imperfectivo, como em “João achava livros na rua com frequência”; da mesma forma que eventos durativos podem ocorrer em ambos os domínios aspectuais, como em “João procurou livros” e “João procurava livros na rua com frequência”.

não possuem tal ponto final expresso na sentença, como em “João comeu bolos”.

A distinção entre télico e atélico, nesses casos, é estabelecida pelo complemento verbal. Bertinetto (2001) destaca que, embora haja múltiplas formas de se identificar a telicidade, uma das estratégias mais eficazes é a análise da determinação do complemento no predicado verbal. De acordo com Gomes (2022b), construções com complementos determinados — independentemente de serem singulares ou plurais, definidos ou indefinidos — direcionam a uma leitura télica, enquanto complementos sem determinantes conduzem a uma interpretação atélica.

Wachowicz (2008) destaca que, no português, a expressão da telicidade se dá no âmbito do sintagma verbal. Essa perspectiva também é corroborada em pesquisas que versam sobre outros idiomas, como inglês e espanhol (Verkuyl, 2005; Rothstein, 2008; Gomes; Martins, 2020a, 2020b; Gomes, 2022b). Além do complemento verbal, no português, a presença de sintagmas preposicionais delimitadores também pode conferir telicidade ao evento (Wachowicz, 2008; Lourençon, 2014; Gomes, 2022a), como em “João caminhou até a esquina”. Nesse caso, embora o verbo “caminhar” não traga, em sua raiz, a noção de completude, a introdução de um sintagma preposicional adjunto que indica um ponto final teliciza o evento, atribuindo-lhe uma conclusão implícita.³

Como se pode ver, diversos elementos que compõem a sentença contribuem na construção de seu valor aspectual, o que se nomeia na literatura como composicionalidade aspectual. Nessa direção, entende-se que o aspecto de uma sentença não é determinado apenas pelo verbo, mas resulta da interação entre diferentes elementos linguísticos (Miguel, 1999; Celeri, 2008).

³ Scher (2005) assinala que certos verbos carregam uma telicidade inerente, ou seja, é possível depreender seu caráter télico diretamente da raiz verbal. Esses verbos associam-se a eventualidades que implicam uma completude irreversível, como “matar o bandido”, “perder uma oportunidade”, “encontrar o relógio” ou “chegar a São Paulo”. Em contraposição, autores como Verkuyl (2003), Wachowicz (2008), Rothstein (2008), Gomes e Martins (2020a, 2020b) e Gomes (2022b) argumentam que a telicidade não se restringe à raiz verbal, sendo fruto da interação entre o verbo e seus complementos, ou, em alguns casos, também do sujeito da sentença.

Levando em consideração a interação entre os verbos e os elementos que os acompanham na sentença, nas próximas seções, apresentam-se, respectivamente, as propostas de classificação dos verbos em tipos com base em critérios aspectuais semânticos. Retrata-se, portanto, as categorizações formuladas por Vendler (1967), Smith (1991), Verkuyl (1993, 1999, 2005) e Rothstein (2004).

3 CLASSIFICAÇÃO DE VENDLER (1967)

Entre as primeiras propostas de classificação verbal fundamentadas em critérios aspectuais de natureza semântica — ainda hoje amplamente referenciada nos estudos linguísticos — destaca-se a formulada por Vendler (1967). O autor observou que, para além das distinções temporais elementares (presente, passado e futuro), outras propriedades temporais vinculadas ao comportamento dos verbos mostravam-se relevantes na elaboração de uma tipologia mais refinada. Com base na análise comparativa de enunciados da língua inglesa, Vendler (1967) identificou padrões que diferenciavam o funcionamento dos verbos e, a partir disso, propôs uma classificação em quatro categorias: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*.⁴

Os verbos classificados como de **estado**, conforme sua descrição, apresentam quatro propriedades fundamentais: não indicam processos no tempo, duram um período de tempo, apresentam impossibilidade de combinação com formas verbais contínuas e não podem ser qualificados como ações.⁵ Entre os exemplos que ilustram essa classe estão verbos como “saber” e “amar”.

⁴ Em alguns estudos publicados em língua portuguesa, adota-se a tradução de tais termos, respectivamente, como “processos culminados” e “culminações” (Oliveira, 2003).

⁵ Apesar de Vendler (1967) apresentar tal restrição para os verbos de estado, estudos sobre diversas línguas evidenciam a necessidade de se adotar uma classificação interna para esse tipo de verbo levando em consideração suas possibilidades de combinação com determinadas estruturas linguísticas. No que tange à ocorrência com a morfologia progressiva, observa-se que impossibilidade parece estar restrita aos verbos genuinamente estativos que, conforme Basso e Ilari (2004), apresentam os traços [-controle] e [-mudança], como em “*Maria está sendo alta”; enquanto os não-tipicamente estativos, que apresentam as propriedades de [+controle] ou [+mudança], permitem tal associação, como “Maria está sendo chata” e “Maria está ficando gorda”.

Os verbos de **atividade**, por sua vez, distinguem-se por quatro traços essenciais: consistem em fases sucessivas no tempo, são compatíveis com formas verbais contínuas, podem ocorrer por um intervalo de tempo indeterminado, sem limite intrínseco, e exibem homogeneidade, uma vez que qualquer segmento do processo é similar ao todo. Verbos como “correr” e “fumar” exemplificam essa categoria.

A classe dos **accomplishments** é caracterizada por quatro elementos: os eventos nela incluídos apresentam um ponto culminante a ser alcançado, admitem a combinação com tempos contínuos, não são homogêneos (partes do processo não equivalem ao todo) e implicam um intervalo temporal delimitado e único. Exemplos desse grupo incluem “comer a maçã” ou “desenhar um círculo”.

Assim, os verbos de atividade e os *accomplishments* distinguem-se principalmente pela presença ou ausência de um ponto final inerente à situação. As atividades, como em “Maria correu”, não implicam um limite intrínseco, podendo prolongar-se de forma indefinida no tempo e mantendo uma estrutura homogênea, em que qualquer parte do processo é semelhante ao todo. Em contraste, os *accomplishments*, como em “Maria correu um km”, envolvem um desfecho necessário que delimita o evento, além de apresentarem uma estrutura não homogênea, na qual as partes do processo não equivalem ao todo. Assim, embora ambos se desenvolvam ao longo do tempo e admitam formas contínuas, diferenciam-se fundamentalmente pela presença ou ausência desse ponto culminante.

Por fim, os **achievements** são definidos com base em três características principais: tratam-se de eventos que se realizam em um único instante, podem ser classificados ou não como ações a depender do verbo e envolvem resultados únicos e instantes de tempo definidos. Verbos como “encontrar a chave” e “cruzar a linha de chegada” representam essa última categoria.

4 CLASSIFICAÇÃO DE SMITH (1991)

Smith (1991) apresentou uma proposta classificatória dos verbos fundamentada em traços aspectuais de natureza semântica. Em sua tipologia, além dos quatro tipos estabelecidos por Vendler (1967), foi introduzida uma quinta categoria verbal, a dos semelfactivos. A autora partiu das distinções aspectuais propostas por Comrie (1976) — estatividade *versus* dinamicidade, pontualidade *versus* duratividade e telicidade *versus* atelicidade — para sistematizar os tipos verbais segundo tais traços.

Nesse modelo, os **estados** são definidos como situações estáveis que duram um momento ou um intervalo de tempo. Verbos pertencentes a essa classe são caracterizados pelos traços [+estático] e [+durativo]. Como não representam eventos propriamente ditos, a categoria da telicidade não se aplica a eles. Exemplos típicos de verbos estativos são: “possuir uma fazenda”, “estar em Copenhague”, “ser alto” e “acreditar em fantasmas” (Smith, 1991, p. 32). Esses verbos representam um período indiferenciado sem estrutura interna. Não possuem dinamicidade e requerem agência externa para mudança. As fronteiras inicial e final do estado não integram a situação, mas configuram-se como situações distintas que constituem mudanças de estado.

As **atividades**, por sua vez, são processos que envolvem atividade física ou mental e consistem inteiramente em processos. São caracterizadas pelos traços [-estático], [+durativo] e [-télico]. Entre os exemplos indicados por Smith (1991, p. 23), encontram-se: “passear no parque”, “rir”, “pensar sobre” e “comer cerejas”. Diferenciam-se dos estados não apenas pelo traço de dinamicidade, mas também pela presença da telicidade como categoria pertinente, embora negatizada, uma vez que são consideradas eventos atéticos. Seu término é arbitrário, não estando previsto na estrutura interna do evento.

Para essa autora, os estados não recebem o traço de telicidade porque, em sua concepção, não descrevem eventos propriamente ditos, mas situações estáveis, sem dinâmica interna ou progressão em direção a um ponto final. Por isso, a oposição “com ou sem ponto final inerente” não se aplica a eles. As atividades, por sua vez, embora também não apresentem um ponto final intrínseco, descrevem processos dinâmicos que se desenrolam no tempo. Justamente por serem eventos com estrutura interna, composta de fases sucessivas, elas entram no domínio em que a

telicidade é relevante. Assim, são marcadas como [-télico] porque, apesar de não terem um limite inerente, poderiam, em princípio, ser delimitadas por elementos adicionais (como em “correr 1 km”), passando a exibir um ponto de término.

Os **accomplishments** consistem em um processo, marcado por etapas sucessivas, e um resultado, gerando dessa forma uma mudança de estado, sendo essa mudança o que marca a conclusão do processo. Esses verbos são definidos pelos traços [-estático], [+durativo] e [+télico], diferenciando-se das atividades unicamente pelo traço de telicidade. São exemplos dessa categoria: “construir uma ponte”, “andar até a escola” e “beber uma taça de vinho” (Smith, 1991, p. 26). Vale destacar que o alcance do *télos* não é uma condição para que o verbo seja classificado como *accomplishment*, mas sim sua possibilidade de alcance, como observado em “Maria estava atravessando a rua”.

Smith (1991, p. 27) assinala cinco tipos fundamentais de resultado para classificação de um *accomplishment*, a saber: objeto afetado, como em “dobrar uma barra de ferro” e “enrugar um vestido”; objeto construído, como em “construir uma casa” e “escrever uma carta”; objeto consumido, como em “destruir uma casa” e “beber uma taça de vinho”; experimentador afetado, como em “divertir a Mary”; e caminho-meta, como em “caminhar até o lago” e “trabalhar de 2 às 3”.

Os **achievements** são eventos instantâneos que resultam em uma mudança de estado. Apresentam os traços [-estático], [-durativo] e [+télico], distinguindo-se dos *accomplishments* apenas pela ausência de duratividade. Como exemplos dessa classe, a autora menciona: “sair de casa”, “chegar ao topo” e “reconhecer a tia Jane” (Smith, 1991, p. 30). Embora alguns elementos preparatórios ou subsequentes possam estar associados ao evento, não são considerados parte dele, como, por exemplo, o percurso feito antes de “chegar ao topo”.

Smith (1991, p. 31) assinala que os tipos de resultado descritos para os *accomplishments* aplicam-se igualmente aos *achievements*, a saber: objeto afetado, como em “quebrar um copo” e “rasgar um papel”; objeto construído, como em “imaginar uma cidade” e “definir um parâmetro”; objeto consumido, como em “explodir uma bomba”; experimentador

afetado, como em “ver um cometa”; e caminho-meta, como em “chegar ao topo” e “chegar a Boston”.

A quinta categoria proposta por Smith (1991), a dos **semelfactivos**, corresponde a eventos de estágio único sem resultado ou desfecho, considerados instantâneos. São os eventos mais elementares, representando apenas a ocorrência em si. Esses verbos são caracterizados pelos traços [-estático], [-durativo] e [-télico], distinguindo-se dos *achievements* exclusivamente pelo valor negativo de telicidade. Exemplos típicos incluem: “bater na porta”, “soluçar” e “bater a asa” (Smith, 1991, p. 29).

Os semelfactivos são incompatíveis com o valor progressivo. Quando esses verbos aparecem com esse tipo de morfologia, a interpretação resultante tende a ser a de uma atividade composta por ocorrências repetidas do mesmo evento. Assim, uma sentença como “Helen estava batendo na porta” não pode ser entendida como uma preparação para uma única batida, mas apenas como a realização de várias batidas sucessivas. Trata-se, portanto, de casos em que há uma reinterpretação do tipo de situação descrita, motivada pela incompatibilidade entre a forma aspectual progressiva e a natureza da constelação verbal semelfactiva.

Ademais, os semelfactivos não se combinam diretamente com expressões que indiquem duração e apresentam uma estrutura sintática de natureza dinâmica. Além disso, não são compatíveis com expressões diretas de duração. Quando isso ocorre, há uma reinterpretação do evento, que passa a ser entendido como uma sequência de ocorrências repetidas, aproximando-se, assim, de uma leitura típica de atividades, tal como “Eu parei de bater” ou “Eu bati durante uma hora”.

O quadro 1, disponível a seguir, sintetiza a classificação dos tipos verbais segundo os traços aspectuais definidos por Smith (1991):

Quadro 1 — Classificação dos verbos segundo Smith (1991)
(continua)

	Estático	Durativo	Télico
Estados	[+]	[+]	////////////////////
Atividades	[-]	[+]	[-]

Quadro 1 — Classificação dos verbos segundo Smith (1991)
(conclusão)

	Estático	Durativo	Télico
<i>Accomplishments</i>	[-]	[+]	[+]
<i>Achievements</i>	[-]	[-]	[+]
Semelfactivos	[-]	[-]	[-]

Fonte: Adaptado de Smith (1991, p. 20)

A taxonomia proposta por Smith (1991) tem sido amplamente adotada na literatura linguística. No entanto, muitos trabalhos optam por uma classificação quadripartida, desconsiderando os semelfactivos. Outros pesquisadores, embora se baseiem na proposta original, introduzem modificações.

Bertinetto (2001), por exemplo, classifica os verbos nas quatro categorias iniciais (estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*) com base nos traços [$\pm$ estático], [$\pm$ durativo] e [$\pm$ homogêneo]. Para o autor, o traço de homogeneidade refere-se à ausência de um limite interno inerente ao evento, sendo esse o critério fundamental para a distinção entre situações télicas e atélicas. Em sua abordagem, tanto estados quanto atividades são [+homogêneos], ao passo que *accomplishments* e *achievements* são [-homogêneos].

Sanz e Laka (2002) também propõem um refinamento à classificação de Smith (1991), dividindo inicialmente os tipos de situação entre **eventos** e **não-eventos**, com base no traço [$\pm$ eventivo]. No interior da classe dos eventos, distinguem-se os [+télicos], como *accomplishments* e *achievements*, dos [-télicos], representados pelas atividades. Os estados, por sua vez, são enquadrados como [-eventivos], alinhando-se à proposta de Smith (1991) de que a telicidade não se aplica a esse tipo verbal, como ilustrado no quadro 2, a seguir.

Quadro 2 — Classificação dos tipos de verbo segundo Sanz e Laka (2002)

EVENTOS [+eventivo]	[+télico]	[-pontual]	Escrever uma carta / Beber uma cerveja	Accomplishments
		[+pontual]	Cruzar a meta / Reconhecer João	Achievements
	[-télico]	Correr / Beber cerveja		Atividades
NÃO-EVENTOS [-eventivo]	[-estado perfectivo]	Saber matemática / Ser alto		Propriedade individual "Individual-level property"
	[+estado perfectivo]	Estar cansado / Estar aqui		Propriedade temporal "Stage-level property"

Fonte: Adaptado de Sanz e Laka (2002, p. 312).⁶

Além disso, diversas investigações se dedicam à subclassificação dos verbos estativos, seja com base em critérios morfosintáticos (Basso; Ilari, 2004) ou semântico-pragmáticos (Duarte; Brito, 2003). A categorização interna dos verbos de estado permanece como um dos pontos centrais nas pesquisas desenvolvidas sob a perspectiva da interface sintaxe-semântica. Sendo assim, na discussão desenvolvida neste estudo, a análise restringe-se aos verbos de estado, concebidos como um conjunto de subclasses reunidas sob o escopo de uma classe mais ampla; no entanto, ressalta-se que, em investigações especificamente voltadas aos estativos, demanda-se um tratamento mais acurado de seus subtipos.

5 CLASSIFICAÇÃO DE VERKUYL (1993, 1999, 2005)

⁶ Os verbos classificados como [-estado perfectivo] configuram-se como estados que não pressupõem uma mudança anterior nem um resultado que os desencadeie: eles simplesmente descrevem uma condição contínua do indivíduo, sem implicar um início ou fim concebido. Já os estados com traço [+estado perfectivo], envolvem uma leitura em que o estado é concebido como resultado de alguma mudança ou como uma configuração que pode ser localizada em relação a um ponto de início. Para os autores, o contraste não é simplesmente entre “estados com ou sem perfectividade”, mas entre estados puramente estáveis e não derivados e estados que carregam uma interpretação ligada a um resultado ou delimitação contextual.

Uma proposta alternativa de classificação verbal é apresentada por Verkuyl (1993, 1999, 2005), cuja abordagem adota um modelo algébrico para explicar a composicionalidade aspectual. Nessa perspectiva, o autor propõe dois traços distintivos que caracterizam os verbos: $[\pm\text{ADD TO}]$ e $[\pm\text{SQA}]$.

O traço $[\pm\text{ADD TO}]$ está relacionado à oposição entre situações estativas e não estativas. Quando marcado positivamente, indica uma situação dinâmica; quando marcado negativamente, remete a uma situação estática. Esse traço está especificado na raiz verbal e, por isso, é introduzido no núcleo verbal da sentença. Já o traço $[\pm\text{SQA}]$, acrônimo do termo em inglês “*Specified Quantity of A*”, refere-se à classificação de um item incluído em um sintagma nominal como tendo uma quantidade específica de coisas ou uma massa denotada. Um sintagma nominal com quantidade especificada ou massa denotada recebe o traço $[\text{+SQA}]$; já os sintagmas nominais sem essa especificação são marcados com $[-\text{SQA}]$.

Para ilustrar a álgebra desses traços na composicionalidade aspectual, tomam-se os exemplos extraídos de Verkuyl (2003, p. 22-23):

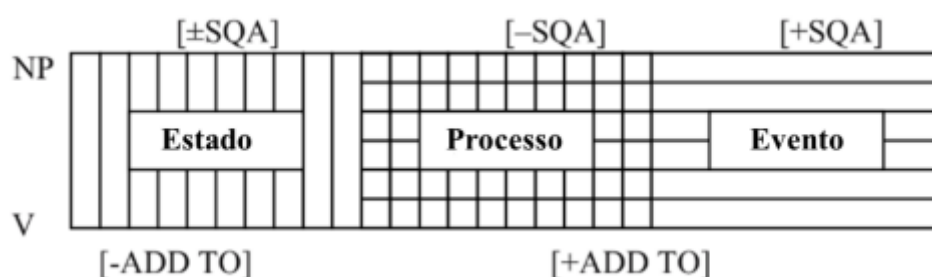
- (01)a. $[\text{S}]$ Mary $[\text{VPwalk}]$ three miles]] $\Rightarrow$ Télica
 $[\text{+SQA}]$ $[\text{+ADDTO}]$ $[\text{+SQA}]$
 ‘Maria caminha três milhas’
- b. $[\text{S}]$ Mary $[\text{VPwalk}]$ miles]] $\Rightarrow$ Atélica
 $[\text{+SQA}]$ $[\text{+ADDTO}]$ $[-\text{SQA}]$
 ‘Maria caminha milhas’
- c. $[\text{S}]$ Children $[\text{VPwalk}]$ three miles]] $\Rightarrow$ Atélica
 $[-\text{SQA}]$ $[\text{+ADDTO}]$ $[\text{+SQA}]$
 ‘Crianças caminham três milhas’
- d. $[\text{S}]$ Mary $[\text{VPsave}]$ three miles]] $\Rightarrow$ Atélica
 $[\text{+SQA}]$ $[-\text{ADDTO}]$ $[\text{+SQA}]$
 ‘Maria economiza três milhas’

Verkuyl (2005) argumenta, com base no *Plus-Principle*, que a presença de apenas um traço negativo entre os elementos envolvidos na estrutura é suficiente para que a sentença seja interpretada como $[-\text{télica}]$. Além disso, o autor destaca que, para que a sentença receba interpretação

[+télica], é necessário que o sintagma nominal que ocupa a posição de argumento externo também apresente o traço [+SQA].⁷

Com base na combinação dos traços [$\pm$ ADD TO] e [$\pm$ SQA], Verkuyl (1993, 1999, 2005) propõe uma classificação tripartida dos verbos: estados, processos e eventos. A figura 1, a seguir, sintetiza essa proposta conforme apresentada em Verkuyl (2005):

Figura 1 — Classificação dos verbos segundo Verkuyl (2005)



Fonte: Adaptada de Verkuyl (2005, p. 23).

No exemplo (a), “*Mary walk three miles*”, a sentença é interpretada como um **evento**, já que o verbo apresenta o traço [+ADD TO] e os dois sintagmas nominais apresentam o traço [+SQA], favorecendo a leitura télica da sentença. Em contraste, os exemplos (b), “*Mary walk miles*”, e (c), “*Children walk three miles*”, são classificados como **processos**, pois, embora o verbo mantenha o traço [+ADD TO], um dos sintagmas nominais, interno em (b) e externo em (c), possui o traço [-SQA], o que gera uma interpretação atélica. No caso do exemplo (d), “*Mary save three miles*”, a construção é interpretada como um **estado**, dado que o verbo exibe o traço [-ADD TO], fazendo com que os valores de [$\pm$ SQA] nos sintagmas nominais se tornem irrelevantes nesse contexto, pois a ausência de dinamicidade é suficiente para inviabilizar a leitura télica.

6 PROPOSTA DE ROTHSTEIN (2004)

⁷ As considerações de Verkuyl (1993, 1999, 2005) divergem da perspectiva defendida por autores como Wachowicz (2008) e Lourençoni (2014), segundo os quais a presença de delimitação no argumento interno seria, por si só, suficiente para determinar o valor de telicidade da sentença.

Sob uma perspectiva igualmente formal, uma alternativa classificatória aos verbos é apresentada por Rothstein (2004). Partindo da tradicional distinção entre quatro categorias (**estados**, **atividades**, **accomplishments** e **achievements**), a autora reformula o conjunto de traços distintivos utilizados para caracterizá-las, restringindo-os a apenas dois parâmetros: *minimal events are extended* e *event of change*.

O primeiro traço, *minimal events are extended*, diz respeito à possibilidade de um evento mínimo ser estendido no tempo. Verbos classificados como atividades e *accomplishments* apresentam esse traço marcado de forma positiva, uma vez que denotam eventualidades cuja menor unidade pode, em princípio, prolongar-se no tempo, como em “João corre muito” e “João construiu uma casa”, respectivamente.

Em contrapartida, esse mesmo traço é negativado nos *achievements*, uma vez que os eventos mínimos que representam não admitem extensão temporal, como em “Maria achou o livro”, bem como nos estados, cuja natureza não envolve sequer a noção de evento mínimo, como em “Maria ama o João”.

O segundo traço, *event of change*, está relacionado à presença de uma mudança de estado implicada pelo evento. Esse traço é atribuído positivamente aos *accomplishments* e *achievements*, pois, em ambos os casos, o argumento interno é afetado de modo a refletir uma transição de estado. Em uma frase como “João construiu uma casa”, o objeto “a casa” passa de não-construída a construída; assim como em “Maria achou o livro”, “o livro” transita do estado de perdido ao de encontrado.

Por outro lado, esse traço é negativado em estados e atividades. No caso das atividades, isso se dá porque o evento não gera uma mudança de estado, como em “João corre muito”. Já os estados não configuram um evento propriamente dito, o que os exclui da possibilidade de codificar uma transição, como em “Maria ama o João”.

A sistematização dessa proposta pode ser observada no quadro 3, a seguir, adaptado de Rothstein (2004, p. 194):

Quadro 3 — Classificação dos verbos segundo Rothstein (2004)

	<i>Minimal events are extended</i>	<i>Event of change</i>
Estados	[-]	[-]
Atividades	[+]	[-]
Accomplishments	[+]	[+]
Achievements	[-]	[+]

Fonte: Adaptado de Rothstein (2004, p. 194).

De acordo com Rothstein (2004), a distinção fundamental entre *accomplishments* e *achievements*, por um lado, e atividades e estados, por outro, não está ancorada na noção de telicidade, como proposto por diversos autores, mas sim na presença de uma mudança de estado de α para β . Tal mudança é descrita como uma função atômica, responsável por orientar o evento rumo à interpretação télica.

Nesse sentido, os verbos de mudança de estado podem expressar alterações mínimas e não extensíveis — de $\neg\varphi$ para φ — ou mudanças extensíveis — de ψ para φ . Assim, *accomplishments* são caracterizados por expressar eventos prolongados que envolvem uma progressão de ψ a φ , sustentada por uma cadeia incremental. Já os *achievements* correspondem a eventos mínimos que operam uma transição instantânea de $\neg\varphi$ para φ , delimitada por dois pontos temporais sucessivos: o último em que $\neg\varphi$ é válido e o primeiro em que φ se atualiza.

Rothstein (2004) observa, ainda, que essa lógica pode ser estendida aos verbos que não denotam mudança, embora isso envolva maior complexidade teórica. Nos estados, por exemplo, nenhuma alteração precisa ocorrer ao longo do tempo; já nas atividades, uma multiplicidade de subeventos distintos deve ser realizada. Desse modo, os estados, por poderem ocorrer em um único instante sem transformação, são considerados ainda mais breves do que os *achievements*, que exigem pelo menos dois instantes contíguos. As atividades, mesmo que breves, precisam de um intervalo temporal mínimo, justamente por dependerem da composição de subeventos. Com isso, são definidas como eventualidades intrinsecamente estendidas.

No que tange ao traço *minimal events are extended*, os estados aproximam-se dos *achievements*, pois ambos carecem de estrutura interna. Em contrapartida, as atividades e os *accomplishments* compartilham a propriedade de apresentarem estrutura interna, o que os qualifica como possíveis alvos da operação progressiva. A autora sintetiza essa distinção nos seguintes termos:

Os estados não têm estrutura interna, pois podem consistir em um instante e não envolver nenhuma mudança, e um estado estendido consiste em uma sucessão de instantes nos quais ocorre exatamente o mesmo estado de coisas. *Achievements* não possuem estrutura interna, ou mais propriamente estrutura interna mínima, pois consistem em um evento de início que vale em um instante e um evento final que vale em um instante, mas nada entre eles. Com atividades e *accomplishments*, o que acontece entre os pontos inicial e final é crucial para sua definição. É essa propriedade de ter estrutura interna que torna as atividades e *accomplishments* divisíveis em estágios, ou dinâmicos, e assim possíveis entradas para a operação progressiva (Rothstein, 2004, p. 194, tradução nossa).

Diante de tais dados, na próxima seção, busca-se identificar as convergências e divergências entre as classificações relatadas.

7 COMPARAÇÃO ENTRE AS CLASSIFICAÇÕES

Ao longo deste artigo, procurou-se examinar criticamente algumas propostas de classificação verbal fundamentadas em traços aspectuais de natureza semântica. É importante destacar que as categorias aqui apresentadas não esgotam o conjunto de classificações disponíveis na literatura especializada; entretanto, o percurso delineado oferece uma visão panorâmica das principais convergências e divergências que permeiam os estudos sobre o tema.

As propostas de Vendler (1967) e Smith (1991) parecem contemplam, de maneira geral, a semântica lexical dos verbos, embora contextualizada em frases; Verkuyl (1993, 1999, 2005), por outro lado, enfoca-se na sintaxe como instrumento de realização de valores aspectuais; por fim, Rothstein (2004) apresenta uma classificação ontológica, baseando-se em princípios da semântica formal para embasar seus argumentos.

A seguir, sistematizam-se os principais pontos extraídos a partir da análise das classificações relatadas.

I. Há um entendimento generalizado de que os verbos podem ser classificados por meio de propriedades aspectuais semânticas.

Todas as propostas teóricas analisadas, apesar de suas diferenças terminológicas ou estruturais, evidenciam que os verbos podem diferenciar-se a partir de propriedades temporais internas que as situações denotam, permitindo sua organização em categorias. Isso se observa em todas as classificações revisadas, que, mesmo com variações, reconhecem propriedades como duratividade, telicidade, mudança de estado ou especificação de quantidade, todas essas propriedades aspectuais semânticas, como fundamentais para distinguir tipos verbais.

II. Há um entendimento generalizado acerca da relevância da diferenciação entre a classe de verbos estativos e a de verbos não-estativos.

Em todas as propostas revisadas, verificou-se uma distinção entre verbos estativos e não-estativos, sendo essa, portanto, uma diferença ontológica básica. Os estados não envolvem mudança nem estrutura interna dinâmica, ao passo que os verbos não-estativos pressupõem algum tipo de processo, ação ou alteração. Em todas as classificações revisadas, essa separação aparece de forma explícita, o que demonstra seu papel estruturador na organização aspectual dos verbos. Portanto, mesmo com divergências terminológicas ou de critérios, essa distinção é um ponto de partida comum entre os estudiosos.

III. Há um consenso de que os verbos não-estativos comportam uma subdivisão interna, embora não haja uniformidade quanto aos critérios utilizados para tal segmentação.

Em todas as propostas, os verbos não-estativos apresentam uma subdivisão interna, que decorre do reconhecimento dos autores de que nem

todas as ações ou eventos expressos por esses verbos comportam-se da mesma maneira do ponto de vista aspectual. Tal dado configura como um fator de convergência entre os autores. No entanto, verifica-se uma divergência quanto aos tipos de verbos nos quais os não-estativos se dividem, tal como relatado a seguir: atividades, accomplishments e achievements (Vendler, 1967; Bertinetto, 2001; Sanz; Laka, 2002; Rothstein, 2004); atividades, accomplishments, achievements e semelfactivos (Smith, 1991); processos e eventos (Verkuyl, 1993, 1999, 2005).

IV. Observa-se uma tendência comum em dividir os verbos não estativos em ao menos duas classes fundamentais.

Apesar de não haver um consenso quanto às subdivisões dos verbos não-estativos, verifica-se uma convergência em dividi-los em, pelo menos, duas classes. Por um lado, verificam-se as atividades (Vendler, 1967; Smith, 1991; Bertinetto, 2001; Sanz; Laka, 2002; Rothstein, 2004) ou processos (Verkuyl, 1993); de outro, accomplishments e achievements (Vendler, 1967; Smith, 1991; Bertinetto, 2001; Sanz; Laka, 2002; Rothstein, 2004) ou eventos (Verkuyl, 2005). Normalmente, um traço aspectual semântico é o responsável pela diferenciação entre essas duas subclasses.

V. Não há consenso quanto ao traço que diferencia os dois grupos de verbos não-estativos.

Apesar de comumente os verbos não-estativos serem divididos em dois grupos, verifica-se que os traços propostos pelos autores para sua divisão interna são diferentes. Dentre os traços observados, verificam-se os de telicidade [$\pm$ télico] (Smith, 1991)⁸, homogeneidade [$\pm$ homogêneo] (Bertinetto, 2001), quantificação do item presente nos sintagmas nominais

⁸ Ainda que Smith (1991) destaque que o traço de telicidade caracteriza os tipos de verbo *accomplishments* e *achievements*, em suas descrições, a autora atrela a definição de telicidade à noção de mudança de estado. Nessa direção, compreende-se que Smith (1991) e Rothstein (2004) não divergem conceitualmente quanto ao traço que caracteriza esses tipos, apesar de o nomearem de forma distinta. Ainda assim, vale ressaltar que outros teóricos consideram a telicidade como um fator definidor para caracterização de *accomplishments* e *achievements* independentemente de sua associação com a noção de mudança de estado.

[±SQA] (Verkuyl, 1993, 1999, 2005) ou mudança de estado [$\pm$ event of change] (Rothstein, 2004). Apesar de Vendler (1967) não apresentar uma proposta de traços, é possível depreender uma diferenciação entre essas duas classes pelas informações de homogeneidade e presença de limite intrínseco.

VI. Não há consenso quanto à inclusão dos semelfactivos como um tipo de verbo à parte.

Apesar de Smith (1991) ressaltar a existência de verbos semelfactivos, não há concordância com os demais autores acerca do status desses verbos como um tipo autônomo. Em muitos casos, os autores tendem a reclassificá-los dentro de outra classe. Tal ocorrência não implica na adoção da ideia de que a proposição de Smith (1991) é infundada; por outro lado, compreende-se apenas que os demais autores não apresentam evidências para diferenciar os semelfactivos como uma classe diferente com base em critérios aspectuais semânticos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se apresentar um panorama de relevantes propostas de classificação de verbos, com ênfase nos traços aspectuais semânticos que fundamentam tais categorizações. Para tanto, foram comparadas as classificações de Vendler (1967), Smith (1991), Verkuyl (1993, 1999, 2005) e Rothstein (2004), a fim de identificar convergências e divergências entre elas.

Observou-se que há um consenso consolidado quanto à relevância da oposição entre verbos estativos e não-estativos, sendo esta dicotomia reconhecida por todas as propostas analisadas. Entretanto, quando se trata da subdivisão interna dos verbos não-estativos, as abordagens divergem consideravelmente, tanto no que se refere ao número de categorias assumidas quanto aos traços considerados definidores, embora o agrupamento bipartido mencionado encontre ampla aceitação nos estudos da área. De igual forma, verificou-se que não há um consenso de que os semelfactivos configurem-se como um tipo de verbo autônomo.

Assim, compreende-se que os achados revisados neste manuscrito contribuem para a compreensão acerca da expressão verbal de aspecto, uma vez que permitem uma sistematização do construto teórico de classificação aspectual semântica dos verbos. Como passos futuros, tenciona-se investigar evidências que confirmem ou refutem as classificações apresentadas, de forma a contribuir para análise das divergências observadas.

REFERÊNCIAS

- BACH, E. The algebra of events. **Linguistics and Philosophy**, v. 9, n. 5, p. 5-16, 1986. DOI: <http://doi.org/10.1007/BF00627432>.
- BASSO, R. Telicidade e Detelicização. **Revista Letras**, v. 72, n. 1, p. 215-232, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v72i0.7542>.
- BASSO, R.; ILARI, R. Estativos e suas características. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S198463982004000100003>.
- BATTAGLIA, M. H. Voorsluys. Aktionsart. **Pandaemonium Germanicum**, n. 3, v. 1, p. 259-271, 1999. DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-8837.pg.1999.63977>.
- BERTINETTO, P. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. In: CECCHETTO, C.; CHIERCHIA, G.; GAUSTI, M. (org.). **Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect**. Stanford: CSLI, 2001. p. 177-210.
- BERTUCCI, R. Questões semânticas sobre tempo e aspecto em português brasileiro. **Cadernos do Instituto de Letras**, n. 52, p. 65-89, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/2236-6385.67140>.
- CELERI, W. **A composicionalidade aspectual revisitada**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1976.
- MIGUEL, E. de. El aspecto léxico. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). **Gramática Descriptiva de la lengua Española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 2977-3060.

DOWTY, D. **Word meaning and montague semantics**: the semantics of verbs and times in generative semantics and in montague's PTQ. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co, 1979.

DUARTE, I.; BRITO, A. Predicação e Classes de Predicadores. In: MATEUS, M.; BRITO, A.; DUARTE, I.; FARIA, I.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, A. (org.). **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003. p. 179-204.

FILIP, H. Lexical aspect. In: BINNICK, R. (org.). **The Oxford Handbook of Tense and Aspect**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 721-751.

GOMES, J. Considerações teóricas sobre a telicidade: uma abordagem comparativa. **Linha D'Água**, v. 35, n. 2, p. 140-159, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v35i2p140-159>.

GOMES, J. Determinantes plurais na expressão de telicidade: o clítico aspectual “se” no espanhol da Colômbia e do Chile. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 30, n. 1, p. 137-174, 2022b. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.30.1.137-174>.

GOMES, J.; MARTINS, A. El “se” télico y la delimitación del complemento verbal en el español de Argentina y de Venezuela. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 2, p. 1-23, 2020a. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n2.id183>.

GOMES, J.; MARTINS, A. Telicidade e determinantes plurais indefinidos no espanhol da Espanha. **Domínios da Linguagem**, v. 14, n. 2, p. 482-509, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL42-v14n2a2020-6>.

JOHNSON, M. **A semantic analysis of Kikuyu tense and aspect**. 1977. 215 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Graduate School, Ohio State University, Ohio, 1977.

LOURENÇONI, D. **O traço de telicidade e suas realizações no português do Brasil e no espanhol do Chile**. 2014. 52 f. Monografia (Graduação em Letras Português – Espanhol) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MOURELATOS, A. Events, processes and states. **Linguistics and Philosophy**, v. 2, p. 415-434, 1978. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25000995>. Acesso em: 4 de abril de 2023.

OLIVEIRA, F. Tempo e aspecto. In: MATEUS, M.; BRITO, A.; DUARTE, I.; FARIA, I.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, A. (org.). **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho: 2003. p. 127-177.

ROTHSTEIN, S. **Theoretical and crosslinguistic approaches to the semantics of aspect**. Amsterdam: Benjamins, 2008.

ROTHSTEIN, S. **Structuring events**: a study in the semantics of lexical aspect. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SANZ, M.; LAKA, I. Oraciones transitivas con se: el modo de acción en la sintaxis. In: LOPEZ, C. (org.). **Las construcciones con se**. Madrid: Visor Libros, 2002. p. 309-336.

SCHER, A. As categorias aspectuais e a formação de construções com o verbo leve dar. **Revista do GEL**, v. 2, p. 9-37, 2005. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/304>. Acesso em: 4 de abril de 2023.

SMITH, C. **The parameter of aspect**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

TAYLOR, B. Tense and continuity. **Linguistics and Philosophy**, v. 1, p. 199-220, 1977.

TRAVIS, L. **Inner aspect**: the articulation of VP. Dordrecht: Springer, 2010.

VAN HOUT, A. Acquiring telicity crosslinguistically: On the acquisition of telicity entailments associated with transitivity. In: BOWERMAN, M.; BROWN, P. (org.). **Crosslinguistic perspectives on argument structure**: Implications for learnability. Hills-dale: Erlbaum, 2003. p. 255-278.

VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell, 1967.

VERKUYL, H. Aspectual composition: surveying the ingredients. In: VERKUYL, H.; DE SWART, H.; VAN HOUT, A. (org.). **Perspectives on aspect**. Dordrecht: Springer, 2005. p. 19-39.

VERKUYL, H. **Aspectual Issues**: studies on time and quantity. Chicago: CSLI Publications, 1999.

VERKUYL, H. A **Theory of Aspectuality**: the interaction between temporal and atemporal structure. Cambridge: Cambridge Press. 1993.

WACHOWICZ, T. Telicidade e classes aspectuais. **Revista do GEL**, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2008. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/133>. Acesso em: 04 de Abril de 2023.

GOMES, Jean Carlos da Silva. Convergências e divergências na classificação aspectual semântica dos verbos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 16, e97353, 2026. DOI: 10.36517/ep16.97353